

**A OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB) E  
A PESQUISA COMO NORTEADORA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA:  
ESFORÇOS EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS**

Cristiano Antônio Brugger Rodrigues

Mestrando no ProfEPT – IFMG, campus Ouro Branco

E-mail: [bruggercristiano@gmail.com](mailto:bruggercristiano@gmail.com)

**Introdução**

Pensar a educação brasileira no século XXI é desafiador. Nesse cenário político-econômico marcado pela extrema desigualdade, acrescido dos insuficientes investimentos em pesquisas, notadamente nas ciências humanas e sociais, diversas instituições públicas consolidadas e reconhecidas têm explicitado a difícil situação, sobretudo financeira, em que se encontram.

A proposta dessa pesquisa em andamento insere-se na área da educação profissional e tecnológica com o desafio de ampliar as reflexões sobre esse campo do saber, na busca por práticas pedagógicas que favoreçam a formação integral, ou seja, um conhecimento capaz de promover transformações nos sujeitos e, conseqüentemente, ao seu redor. Ratifica-se a concepção de que a consciência do fato não significa a mudança do mesmo, é preciso da ação para a transformação. E é nessa perspectiva crítica que o pensar sobre o ensino de forma geral, e especificamente o ensino integrado, na constante relação entre educação e trabalho, se faz pertinente e necessário.

Muitas são as relações envolvidas no processo de ensino-aprendizagem pautado pela concepção de formação integral. Ressalta-se a participação e envolvimento do estudante, orientado por professores com formação inicial e continuada de qualidade, como potencializador para se construir tal percurso.

A participação em eventos científicos, mais especificamente a ONHB (Olimpíada Nacional em História do Brasil), que será diretamente abordada nessa pesquisa, tem se consolidado como importante estratégia nesse processo de construção e divulgação de conhecimento científico. Conforme depoimentos de participantes e estudos publicados, tais eventos têm influenciado positivamente na formação continuada de docentes envolvidos e favorece o crescimento pessoal dos estudantes.

Segundo informações do site oficial<sup>1</sup>, a ONHB é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desenvolvido pelo Departamento de História, coordenado pelas professoras doutoras Cristina Meneguello, Alessandra Pedro e Raquel Gryszczenko Alves Gomes. Conta com apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Telecomunicações (MCTIC), por meio do edital de Olimpíadas Científicas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 2019, está em andamento a 11ª edição composta por seis fases online e a final presencial em Campinas - SP, com questões e tarefas diversas. A ONHB firmou-se como uma empolgante competição para equipes do ensino fundamental e ensino médio de todo o Brasil, trazendo uma proposta inovadora de estudar a história do Brasil, abordando temas fundamentais a partir de documentos históricos, imagens, mapas, textos acadêmicos, pesquisas inéditas e debates historiográficos. Corrobora com essa visão o historiador e professor do IFRN José Gerardo Bastos da Costa Júnior,

Na sociedade atual, em que ocorre uma expansão de informações e de tecnologias que, a todo instante, veicula novas e diferentes versões sobre acontecimentos do cotidiano, a ONHB pode ser uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino da História no Brasil (e do Brasil). Com a estimulação à utilização dos instrumentos virtuais de comunicação, ela proporciona a articulação dos atuais métodos de ensino com as novas tecnologias, identificando-se com as novas gerações, pertencentes à cultura midiática (COSTA JÚNIOR, 2017, p.146).

Sobre as diversas fontes históricas abordadas nas questões da ONHB, acessíveis e analisadas pelas equipes, é importante considerar, conforme apontam os autores Flávio Beruti e Adhemar Marques, que

---

<sup>1</sup> <https://www.olimpiadadehistoria.com.br>. Acesso em 22 de abril de 2019.

A habilidade de trabalhar com fontes históricas, além de ter um lugar fundamental na construção da memória histórica, permite o desenvolvimento do raciocínio histórico dos alunos a partir do estímulo da capacidade de formular hipóteses, de levantar questões, de elaborar hipóteses susceptíveis de serem demonstradas, além de desenvolver habilidades de observação, identificação, comparação e percepção de relações. Essas competências e habilidades contribuem, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, também para o exercício da cidadania (BERUTI; MARQUES, 2009, p. 151).

As inscrições são abertas a escolas da rede pública e privada em todo o país. Cada equipe é constituída por quatro pessoas, sendo três estudantes da mesma escola, (8º e 9º anos do Ensino Fundamental, ou do ensino Médio), mais um professor de história que trabalha na instituição. Um professor pode orientar mais de uma equipe, mas cada estudante só pode se inscrever numa equipe.

As questões são respondidas pelos participantes por meio do debate com os colegas de equipe e a pesquisa em livros, internet, dentre outros, além da orientação dos professores. Cada questão apresenta 4 alternativas, e mais de uma está correta. Geralmente, dentre as alternativas, há uma incorreta (0 pontos), uma meramente descritiva (1 ponto), uma correta (4 pontos) e uma correta com mais profundidade de análise (5 pontos). Segundo a coordenadora da ONHB, Cristina Meneguello,

O trabalho em equipe e com consulta permite, então, questionar os moldes tradicionalmente competitivos dos eventos do tipo Olimpíada. A velocidade da resposta não é tão importante quanto a capacidade de leitura e reflexão, próprias às ciências humanas. Desse modo, ainda, criam-se hábitos de consulta e de estudo e a aquisição progressiva de conhecimento. Nesse processo, valoriza-se o trabalho do professor, como orientador de sua(s) equipe(s) (MENEGUELLO, 2011, p.7).

Essa Olimpíada também mobiliza temas interdisciplinares (geografia, literatura, arqueologia, urbanismo, atualidades) e, conforme relato das coordenadoras e de participantes, tem um impacto positivo na leitura, compreensão e escrita dos estudantes. Especificamente sobre o impacto na educação profissional, Francisco das Chagas Silva Souza e José Gerardo Bastos Costa Júnior, professores do IFRN (campus Mossoró), afirmam que

No caso específico da Educação Profissional, consideramos que a ONHB colabora para a formação de estudantes-cidadãos-trabalhadores e estimulam a práxis pedagógica dos educadores ao desenvolver metodologias que

ênfatisam a construção de estratégias, a criatividade, a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na capacidade de enfrentar desafios (SOUZA; COSTA JÚNIOR, 2016, p.84).

Trata-se, portanto, de um projeto que tem como principal objetivo valorizar não apenas o ensino de história, mas também destacar a relevância de professores e alunos na construção coletiva do conhecimento.

Os esforços apontam para a construção de uma almejada formação omnilateral que torna o estudante capaz de examinar a própria vida, de se fazer perguntas, de colocar em questão tudo o que o envolve, sobretudo as relações de trabalho, além de compartilhar suas concepções com os outros.

Na relação professor-aluno (orientador-orientando), o trabalho de pesquisa requer a construção de diálogos desde a escolha dos temas e, sobretudo, envolvimento do estudante no decorrer de todo o processo, o que pode favorecer sua autonomia na construção do conhecimento. Reafirmo que não se trata de responder várias questões sobre um assunto, mas de problematizar, selecionar, aprofundar e construir conhecimentos. Isso demanda o uso de métodos e metodologias, mas vai além, pois trata-se de uma aprendizagem própria.

Dante Henrique Moura, doutor em educação e professor do IFRN, sobre a pertinência do trabalho docente com pesquisa, afirma que

A pesquisa deve instigar o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gerar inquietude, para que ele não incorpore “pacotes fechados” de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum (saber cotidiano), escolares ou científicos. Esse tipo de atitude, quando despertada nas primeiras fases escolares, contribui para que, nas faixas etárias e níveis educacionais mais avançados, o estudante possa formular questões de investigação no campo mais formal, quer seja na sua forma aplicada ou na denominada pesquisa de base ou acadêmica. (MOURA,2007, p.23).

Diante dessas considerações, perceber de que forma a ONHB tem estimulado a pesquisa e o pensamento científicos dos alunos participantes, especialmente daqueles que fazem parte dos cursos técnicos integrados tornou-se um alvo a ser alcançado.

### **Caminhar: percurso metodológico**

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Além da revisão bibliográfica, será considerada a participação de equipes nas três últimas edições da ONHB, de unidade(s) da RFEPCT (Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica), principalmente dos IFs.

A fim de conhecer e ampliar a análise sobre o papel do professor/orientador de equipe(s), serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os mesmos. Estas entrevistas serão gravadas (apenas as vozes) e, depois, transcritas e analisadas na busca por conhecer e compreender da organização/planejamento do trabalho docente e das estratégias metodológicas desenvolvidas na preparação de estudantes que participaram da ONHB.

Como instrumento para construção de dados em relação aos estudantes, será proposto um questionário com 8 (oito) questões abertas, além de espaço para comentário geral sobre o processo da ONHB. Ainda, pretende-se analisar atividades de pesquisa desenvolvidas por essas equipes nas fases finais da edição em que participaram da ONHB (9ª, 10ª ou 11ª edição), a fim de conhecer mais detalhadamente o nível de elaboração que os estudantes demonstraram e a apropriação de uma linguagem científica.

A análise de todas essas informações será de grande valor para a construção do produto educacional. Consistirá, a princípio, numa cartilha como material de apoio pedagógico que divulgue e incentive a participação de estudantes do ensino integrado na ONHB.

### **Ampliando percepções - referencial teórico**

A compreensão das complexas relações entre educação e trabalho revela a dualidade histórica na educação brasileira, em que há objetivos díspares dependendo do público a que se dirige, tornando mais plausível a diferenciação nos diversos discursos coexistentes. Saviani (1989, p.138) denuncia que “o ensino profissional é destinado

àqueles que devem executar, enquanto que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo”. Justamente na tentativa de romper com essa separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, que ainda vigora em nossa sociedade, autores defendem, com certa equivalência entre os termos, formação integral, formação omnilateral e/ou politecnia.

Esse mesmo autor, ao trabalhar o conceito de politecnia, afirma que tal concepção exige que o processo de trabalho se desenvolva, numa unidade indissolúvel, aspectos manuais e intelectuais. “O que a ideia de politecnia tenta introduzir é a compreensão desse fenômeno, a captação da contradição que marca a sociedade capitalista, e a direção de sua superação” (SAVIANI, 1989, p.139).

O desafio é romper com a dualidade posta na educação brasileira, em que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo, enquanto o ensino profissional é destinado aos que devem executá-lo, ou seja, trabalho manual.

Caio Boschi, historiador, explicita que

(...) dentre as angústias modernas se destaca, sem dúvida, a preocupação com o trabalho. É a História, mais uma vez, que nos esclarece sobre as causas da crise do desemprego – e que também indica saídas baseando-se no conhecimento do passado. Se é verdade que o desenvolvimento científico e tecnológico tem proporcionado extraordinários avanços, ao mesmo tempo atinge seriamente as relações de trabalho de milhões de pessoas no mundo inteiro. Quem não se defronta com essa questão na prática? Não é mera coincidência que tantos especialistas, incluindo historiadores, se dediquem a estudar as relações de trabalho de outras épocas e lugares, inclusive no Brasil. Entre nós merece destaque o fenômeno da escravidão, que marcou a estrutura das relações de trabalho no país e causa histórica de problemas que persistem até hoje. Há na sociedade brasileira um grande desprezo pelo trabalho braçal, antes só realizado por cativos e atualmente desempenhado em grande parte por afrodescendentes que recebem em média salários menores do que os trabalhadores brancos, em sua maioria também pobres e explorados. Sem esquecer a discriminação social que, infelizmente, se manifesta em nosso país (BOSCHI, 2019, p.26).

Mesmo reconhecendo o distanciamento na realidade educacional brasileira na construção de uma formação omnilateral, frente a todos os entraves nas tentativas de se construir um Ensino Médio Integrado (EMI) capaz de oferecer ao estudante formação profissional e instrução geral, Moura (2013, p.707), professor-pesquisador do IFRN,

insiste em creditar ao EMI “uma possibilidade de caminho a ser trilhado na direção pretendida”.

A concepção de Ensino Médio Integrado se fundamenta em autores que defendem o rompimento dessa escola dual, pois, ao contrário, almeja-se uma escola que seja unitária, garantindo a todos o direito ao conhecimento, e uma educação integrada que possibilita o acesso à cultura, à ciência e ao trabalho por meio de uma educação básica e profissional.

O desafio de formar estudantes-cidadãos questionadores, interessados, que dialogam sobre assuntos que têm valor de aprendizagem, de conhecimento e de socialização é o anseio dos que estão na profissão docente por escolha própria. Esses profissionais respeitam e valorizam os alunos no seu nível de conhecimento e como pessoas que estão aprendendo. Ainda conforme Moura (2007), entendida como um princípio educativo, a pesquisa apresenta uma relação estreita com o processo de ensino-aprendizado e com a formação da autonomia intelectual dos educandos, fornecendo-lhes mais experiência com esse nível de discurso/linguagem.

Na educação básica, as concepções de professor pesquisador e professor reflexivo, capaz de analisar a própria prática, tem sido, paulatinamente, disseminada. Somado a isso, tem se fragilizado a visão de que apenas as universidades constroem conhecimento, em detrimento da educação básica. É nesse contexto que abordar a Olimpíada Nacional em História do Brasil como evento científico consolidado no cenário nacional se mostra relevante.

Expressa ainda nos primeiros passos da ONHB, essa afirmação da coordenadora permanece atual:

O processo todo nos ensina que o campo geral da divulgação científica em ciências humanas, e especificamente em história, deve crescer e diversificar-se, mas movido por interesses ligados genuinamente à educação e ao acesso do grande público à informação. Para que a “aventura” prossiga, parece legítimo conceber a manutenção ou acréscimo do número de participantes nas próximas edições da Olimpíada, valorizando e divulgando a importância do conhecimento histórico como formador das concepções de ciência e dos princípios da cidadania e da inserção do indivíduo em sua comunidade. Por meio da realização de atividades que reproduzem a construção do conhecimento conforme elaborada pelos historiadores (interpretação de documentos, de imagens, narrativas e interpretações díspares sobre os mesmos acontecimentos, formulação de hipóteses), torna-se possível a

apropriação crítica do conhecimento produzido pelos historiadores, a construção possível de interpretações do passado histórico e o questionamento de informações consagradas (MENEGUELLO, 2011, p.13).

Essa experimentação/vivência do ofício de historiador, proporcionada pela ONHB, conecta ao que Circe Maria Fernandes Bittencourt, doutora em educação e historiadora, defende: “a construção do conhecimento se dá pela prática da pesquisa; ensinar e apreender só ocorrem significativamente quando decorrem de uma postura investigativa de trabalho” (Bittencourt, 2009, p. 129). Nessa mesma linha, o conceito de ensino como pesquisa remete à profunda articulação entre ensino-aprendizagem e à autonomia de professores e alunos de se assumirem como sujeitos do processo histórico e da produção do conhecimento. Tal premissa supõe a busca de materiais que possibilitem eleger momentos, processos e lugares significativos da experiência social de trabalhadores – incluindo grupos, classes sociais – assim como vislumbrar conflitos, tensões, resistências, articulações entre memórias hegemônicas e alternativas, produzidas na vida cotidiana.

Isso implica em incorporar a pesquisa como princípio organizador das atividades e não como mais uma atividade na sala de aula. Nisso consiste a proposta de pensar o ensino e a pesquisa de forma articulada, como um processo no qual professor e aluno, juntos, realizam uma reflexão e produzem saber como sujeitos no duplo sentido: sujeito social e sujeito do conhecimento. Nas palavras dessa pesquisadora,

Mais do que dominar os produtos, interessa aos alunos compreender que estes são resultantes de um processo de investigação humana. Assim, trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Significa explicitar os nexos entre a atividade de pesquisa e seus resultados; portanto, instrumentalizar os alunos no próprio processo de pesquisar (BITTENCOURT, 2009, p.18).

Essas análises se entrelaçam às especificidades da história enquanto campo de conhecimento que se (re)constrói pela prática da pesquisa. Dentre as falas recorrentes de equipes que participaram da ONHB, prevalece a de que estudar história deve ser, acima de tudo, tentar percebê-la, pensá-la e analisá-la criticamente, atendendo à necessidade de se sentir e agir como sujeitos dela.

### **Considerações finais: para além da terra firme**

Porque não vejo razão, para alguém fazer uma pesquisa de verdade, que não seja o amor a pensar, a libido de conhecer. E, se é de amor ou desejo que se trata, deve gerar tudo o que o amor intenso suscita, de tremedeira até suor nas mãos. O equivalente disso na área de pesquisa é muito simples: o susto, o pavor diante da novidade. Mas um pavor que desperte a vontade de inovar, em vez de levar o estudante a procurar terra firme, terreno conhecido (RIBEIRO, 1999, p.190).

As referências já analisadas ressaltam aspectos positivos do envolvimento de estudantes como sujeitos construtores de conhecimento nas chamadas Olimpíadas científicas, contribuindo para superação do que pode ser chamado de esvaziamento do desejo de pensar. A ONHB, pela predominância do trabalho em equipe, tem reforçado a ciência, e não apenas o conhecimento histórico, como construção coletiva, o que tem ampliado as percepções dos sujeitos participantes.

As entrevistas e demais análises, já iniciadas, almejam explicitar mais que resultados de uma pesquisa, motivando discentes e docentes que, em parceria, lidam com desafios durante todo o processo educativo. Em fase mais avançada, será possível apresentar as relações entre a práxis pedagógica orientada pelo trabalho de pesquisa e o empenho de estudantes na ONHB.

Ratifica-se que o trabalho com pesquisa pode favorecer o desenvolvimento da capacidade de raciocinar, formular hipóteses, construir o pensamento crítico e de aplicar esses conhecimentos. Tudo isso permite que estudantes (e docentes) compreendam o próprio percurso e mesmo os equívocos, fornecendo-lhes oportunidades para reconsiderá-los. Pode, igualmente, ajudá-los na apreciação da ciência, especificamente da história, como presente no cotidiano.

Por fim, destaca-se que a participação em eventos científicos que problematizem a relação educação e trabalho, importante em pesquisa nessa temática, muito contribui na formação de pesquisadores. A possibilidade de apresentar/divulgar um trabalho de pesquisa significa, também, motivar e dar visibilidade não apenas ao que está

consolidado, pois abre espaço para críticas e considerações que um outro olhar é capaz de fazê-lo.

### **Referências**

BERUTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

Boschi, Caio César. **Por que estudar História?** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.

COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos da. **A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado do IFRN**. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Semiárido, Mossoró, 2017. Disponível em <<http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1532>>. Acesso em 21/11/2018.

MENEGUELLO, Cristina. **Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual?** História Hoje, v.5, n.14, p.1-14, 2011. Disponível em: <[http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID\\_REVISTA\\_HISTORIA=14](http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=14)>. Acesso em: 17/02/2019.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração.** Holos, Natal, v.2, p.1-27, 2007. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>>. Acesso em: 17/11/2018.

MOURA, Dante Henrique. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?** Educ. Pesqui., Set 2013, vol.39, no.3, p.705-720. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>>. Acesso em 18/11/2018.

OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL (ONHB). Disponível em: <<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>>. Acesso em 23/11/2018.

RIBEIRO, R. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, v. 11, n. 1, p. 189-195, 1 maio 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20701999000100010>>. Acesso em 05/02/2019.

RODRIGO, Ênio. **Olimpíadas científicas, jogos sem perdedores.** 2013. Disponível em: <<https://eniorodrigo.wordpress.com/2013/02/25/olimpiadas-cientificas-jogos-sem-perdedores/>>. Acesso em: 08/04/2019.

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da Politecnia.** Trab. educ. saúde, Mar 2003, vol.1, no.1, p.131-152. ISSN 1981-7746. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r41.pdf>>. Acesso em 02/03/2019.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos. A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) como prática pedagógica no ensino médio integrado do IFRN. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. **Revista História Hoje.** Mossoró, RN, v. 5, n. 10, p. 66-86, dez. 2016. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/273>>. Acesso em 20/11/2018.